Marco Mitidiero Junior (Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB)

Como o G do IBGE está sendo impactado por esta conjuntura?

Hoje as multinacionais perseguem o conhecimento crítico. As empresas funcionam como Estados, portanto, temos um imperialismo de empresas, como diria Milton Santos. Com o processo de privatização este conhecimento pode ficar restrito. Cobrar por pesquisas é uma forma de restringir o conhecimento. Subordinar o Censo Agro à Comissão de Agricultura do Senado é subordinar ao o Censo ao agronegócio.

Como a crise teve origem e se deu no epicentro financeiro do Planeta (EUA e Europa), e havia a possibilidade deste capital evaporar, muitos grupos foram comprar ativos da Natureza. O projeto é privatizar e “mercadorificar” a Natureza, como nunca imaginamos, sob a lógica da exploração econômica (terras, sol, água, ar, etc). A política de negociação de créditos de carbono transforma a Natureza em ativo financeiro. O Agronegócio brasileiro é tão somente o resultado da crise do capitalismo internacional e brasileiro.

Papel da Geografia e do IBGE neste momento

A proposta de “estrangeirização” de terras vem com novos projetos de lei neste governo. Há também um ataque ao IBGE, através de indicações cirúrgicas, privatização do conhecimento, intensificando a precarização do serviço e a hiperprecarização da mão de obra. O maior exemplo disso são os ataques ao Censo Agropecuário do IBGE.

A AGB redigiu e publicou uma nota contra as limitações impostas ao Censo Agropecuário. No Censo 2006 já havia barreiras e limites, tanto que ele só foi publicado em 2010. Mesmo ali existe um dado que esconde o latifúndio: sumiram as propriedades com terras de 10 mil hectares ou mais.

“Fazer mais com menos” não é o caminho

Há também um ataque à quantidade e qualidade das informações, com um corte cirúrgico de mais de 60% das questões do Censo. Eliminaram informações sobre a agricultura familiar (campesinato), que gera mais 70% dos alimentos. Foram retirados dados da agricultura orgânica e também parte sobre o uso de agrotóxicos (agora chamados pomposamente de “produtos fitossanitários”), além das perguntas sobre recursos hídricos dentro dos estabelecimentos rurais e a condição de trabalho temporário no campo.

Na verdade são mais de 70% nos alimentos da cesta básica do brasileiro produzidos pela agricultura familiar. A Confederação Nacional da Agricultura (CNA) produz suas pesquisas próprias: “Quem produz o que no campo: quanto e Onde II”.

Diante disso nos perguntamos: qual é o papel da Geografia? Acredito que o conhecimento transformador vai nascer da integração, das ruas, do professor acadêmico ao servidor do IBGE. É preciso construir parcerias e redes para isso.